

O FALSO MEDALHÃO

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

AQUILINO aparece (na caricatura de Sant'Ana e na representação do lugar comum) a traço vincado, passada de andarilho e samarra pelas costas: o beirão no chiado das letras. No post-fundo podemos imaginar Proença e Raúl Brandão; Sérgio e mais alguns «seareiros», os melhores; Abel Manta, Stuart de Carvalhais — o friso, enfim, donde emerge o artesão da prosa com todas as contradições à margem e com toda a herança positivista que o caracterizaram. Mais estufados, apontamentos apenas, acrescentam-se vultos de conspiradores, exílios em Paris, Santa-Rita Pintor, todo um cenário difuso das memórias ainda secretas da rebelião republicana.

Os literatos menores dos anos vinte e os políticos burgueses do republicanismo pretenderam ilustrar o quadro. Sobre os últimos. Gordos, instalados no progressismo conservador, sonhando com caciques locais e fazendo política de boato, eram os grão-mestres do provincianismo em Lisboa, admiradores de Cunha Leal e da manobra em palácio tolerado. Eles viam em Aquilino a flor académica transplantada da Serra da Nave para a montra pública das letras. No fundo, bem no fundo, enalteciam-se a si próprios á custa da imagem deste Malhadinhas, viriato dos sete costados, homem de palavra castiça e, para eles, de uma ingenuidade campesina nas subtilidades do dia-a-dia.

Pois, o Malhadinhas. Para o conservantismo estilo Ramada Curto, Carlos Olavo e etc., o símbolo era este. Corresponhia ao paternalismo dominante na época. A uma mentalidade política, inclusivamente. Dizer que a célebre novela não era, dentro da extraordinária obra de Aquilino, a peça inatingível, abrenuntio, seria o fim. Apontar-lhe as muitas seduções a traço grosso que contem, a caricatura tantas vezes elementar, pior: corresponderia a violar o presépio das letras onde o Sanchão Pança beirão tinha sido colocado em barro de Bordallo há cerca de meio século. E fiquemos por aqui.

ESTE fenómeno de eleger o fácil como representação de uma obra a tantos títulos difícil vem de longe e atingiu muitos dos maiores escritores. No caso de Aquilino serviu até os seus detractores que sintetizaram no pícaro e no folclore rural um escritor que os feriu fundo e até á morte.

Assim, fica na sombra o resto: os contos, dois ou três romances e em especial «A Casa Grande de Romarigães» como monumento maior da literatura portuguesa de todos os tempos. E esqueceram-se as

misérias e grandezas dos Príncipes a que ele levantou véus e deu perfil. Com exagero? Caso para ver. De qualquer forma, abordando os heróis de mausoléu. Aquilino fez aos sessenta e tal anos aquilo que os bachareis de boas notas tremariam a benzer-se para evitar: recusou-se á peregrinação histórica segundo o guia da sebeta — e isso é arriscado. Se é.

Dá os tais silêncios de conveniência. O criar-se uma definição generalizada do escritor que tenha as vantagens de perturbar o menos possível, e neutralize. Aquilino seria o caudal de palavras, a fonte para as abonações do Dicionário de Moraes, o contador de histórias por obra e graça do talento. E contra isto ninguém protestará porque, vamos indo, é já muito e único, e consolador, numa terra onde o homem de letras é indivíduo á margem e raramente reconhecido.

Por seu lado, os admiradores sinceros pouco adiantaram para uma nova e objectiva dimensão do autor de «Estrada de Santiago», é justo dizer. Têm-no comparado ao castanheiro, que é possante e de frutos agressivos, mas bom por dentro, generoso. Escreveram que era fraga — fraga da serra, amiga dos ventos e dos lobos familiares. Chamaram-lhe, alguns, Mestre por causa do difícil e do barroco — disseram trinta por uma linha e no entanto não há um estudo, um só, á altura do romancista.

Quem, por exemplo, quando apareceu o «Leopardo» de Lampedusa, se lembrou de o comparar á «Casa Grande de Romarigães, tão vizinha e tão superior? E quantos dos agora entusiasmados leitores de Guimarães Rosa recusam em Aquilino o lexico rural e as elipses formais que tanto veneram no outro? Indo mais longe, e mais profundamente, quem investigou o conceito de unidade do universo que há em ambos e que traz heranças medievais (dos filósofos contemplativos; do franciscanismo, até) em que se sobrevaloriza o mundo animal e vegetal numa identificação constante com o homem?

Santos da casa não fazem milagres, diz-se. Mas não é só o provincianismo de admirar o que vem de lá que justifica as ingratidões culturais que se fazem cá. É também a falta de imaginação e de espírito criador com que aqui se estuda literatura; é o ódio ao que está próximo que faz com que se admire o que vem de longe, da estranja, já promovido e difficilmente ignorável; é finalmente a conspiração do «enterrem-se os vivos e salvem-se os muito mortos» que mascara o temor de evitar conflitos com o presente, ou seja, com os valores do «establishment».

Assim tem acontecido com Aquilino também. Nada de o rever e ir mais dentro; de procurar o veio difícil, o menos evidente, num escritor que é tão intuitivo á superfície e tão meditado quando menos se espera. Fica em suma como Malhadinhas, ingénuo, astucioso, camponês, — e pouco mais. Que lástima.

E no entanto Aquilino estava longe de corresponder á imagem com que os burgueses da sua geração, e não só, procuravam enaltecê-lo. Enquanto eles engordavam por dentro, nos cantórios, na vida oficial ou nos papéis de crédito, o Homem da Nave ia em frente, indomado e sempre mais audaz. Quem o conheceu de perto nos últimos quinze anos de vida não pôde deixar de maravilhar-se com a decisão, a incompatibilidade e o entusiasmo que cada dia aumentavam nele.

De samarra ainda, mas sentado á mesa de trabalho na casa da Rua António Ferreira ou convivendo com os camaradas mais novos, onde estava o Malhadinhas das argúcias primárias ou do talento incontrolado com que o lugar-comum o tinha definido?

Dizia-se, era voz corrente, que falava pouco de questões de estética; que era afável na apreciação dos outros escritores; convencional, até; e assim por diante. Por mim, poucas vezes alguém me falou tão longamente, tão em pormenor e com tamanha dureza acerca de um livro meu como ele, Aquilino. E poucas vezes também me surpreendi a ouvir considerações práticas tão sábiamente estruturadas como certa tarde em que se pôs a discorrer sobre a captação da oralidade na elaboração dos estilos literários.

«Tem bom ouvido», costumava ele dizer quando apreciava um escritor. E ouvido, esse sentido de facto precioso para o romancista, era aqui memória de frase, tom do personagem, ocorrência de vocábulo já transfigurado na expressão escrita. Vinha daí, penso eu, a sua pujança de arcaísmos, de sons longínquos, quase esquecidos, que perpassavam pela paisagem telúrica que descrevia — mas até disso tinha aguda consciência:

«Dizem que o português é uma língua rica», observou-me um dia, com um sorriso. «É mas é pobre, tem palavras a mais».

Qualquer dos apreciadores do dicionário gótico de Aquilino teria recuado de assombro perante a afirmação. E contudo a determinante lógica existe e está por trás. Vem dos contos, de obras-primas como «A Pele do Bombo», e retoma-se nos últimos romances onde o impeto verbal aparece frequentemente refreado. E

isto a poucos anos da morte — como se ignorasse um passado de dezenas de livros e recomeçasse...

DE resto poucos escritores, que eu saiba, foram assim tão desapegados do passado. Raros silenciaram, como ele, o feito, o acabado, tendo vivido e escrito tanto. E mais raros ainda os que morreram como Aquilino, sem heróis á cabeça.

Vida, presente e futuro, isso sim, é que contava. Livro vinha atrás de livro, e recomeçava o Mundo; o hoje estava voltado para diante, para o amanhã — era esta a regra. E ele, que na sua muita idade tinha assistido a uma nova era do Homem (carreiras aéreas, energia atómica, conquista da Lua) etc, aos setenta e tantos anos, tinha a sedução das dimensões futuras.

Já minado pela morte foi a caminho de Londres, mas aí mais uma vez cedeu ao espectáculo da vida. Melhor dito, da civilização. Liberdade, mulheres e juventude aberta, a sociedade permissiva com o delírio da técnica e do consumo, tudo isso, longe de o afastarem, provocavam nele entusiasmo e reflexão. Cansaço, nenhum. Estranheza ainda menos — e a doença ficava para trás, adiada. «Em três horas de avião galgam-se séculos de História», teria ele dito a um dos amigos que acompanhavam.

Posto isto, insisto em perguntar pelo Malhadinhas, pelo Aquilino segundo o figurino proclamado pelos espiritos rotineiros — onde está? Dos homens da sua geração quantos se esforçaram como ele por acompanhar o tempo, apesar do traço beirão que o sublinhava por fora? E quantos souberam recusar, e com veemência sempre crescente, a comodidade do prestígio?

Se o recordamos na última etapa da sua carreira vê-lo-emos polarmente distanciado do escritor das «Lápides Partidas» e do Mestre tolerado por certas fracções oficiais. Vai renascer já no oca-so, mas ainda a tempo e com novo vigor, para longe e para a frente do espírito de uma geração onde abriu caminho e que procurou suspendê-lo, medalhado. Em meia dúzia de anos funda a Sociedade Portuguesa de Escritores, escreve «Por Quem os Lobos Uivam» e termina com a sua obra mais que todas acabada, «A Casa Grande de Romarigães», como quem depõe o marco definitivo no cume de uma gigantesca escalada.

Depois, morreu.

Londres, Primavera de 71